
“Nem aldeia, nem metrópole”: Ponta Grossa e as representações sobre a modernidade entre os intelectuais do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC – 1947/1985)

“Not a village, not a metropolis”: Ponta Grossa and representations of modernity by the intellectuals of the Centro Cultural Euclides da Cunha (cultural center) (CCEC – 1947/1985)

Jonathan Molar*

<https://orcid.org/0009-0007-6313-6238>

Resumo

O presente artigo objetiva analisar as representações construídas pelos intelectuais do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), sediado na cidade de Ponta Grossa/PR, entre 1947 à 1985, sobre o conceito de modernidade e suas implicações para o cotidiano da cidade e de seus moradores. Durante o citado recorte temporal, por meio das correspondências trocadas entre seus membros e o jornal do CCEC- *Tapejara* – observamos que a modernidade gerava no grupo um sentimento dual: por um lado, a visão otimista sobre o desenvolvimento econômico e material trazido por ela; por outro lado, a visão crítica sobre a moral e as sociabilidades de um modo de vida “moderno”, nesse segundo ponto, os membros do CCEC imprimiam um discurso de que a partir dos intelectuais e de seus projetos culturais e educacionais para Ponta Grossa e para o país essa realidade poderia ser transformada. Desse modo, problematizamos as representações do CCEC e de seus interlocutores em diálogo com o contexto histórico do país, atrelando o regional ao nacional.

Palavras chave: Intelectuais; Modernidade; Centro Cultural Euclides da Cunha.

Abstract

This article aims to analyze the representations constructed by the intellectuals of the Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), based in the city of Ponta Grossa/PR, between 1947 and 1985, on the concept of modernity and its implications for the daily life of the city and its inhabitants. residents. During the aforementioned time frame, through correspondence exchanged between its members and the CCEC-Tapejara newspaper – we observed that modernity generated a dual feeling in the group: on the one hand, the optimistic view

*Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: jonathanmolar.ad@gmail.com

of the economic and material development brought about by it; on the other hand, the critical view of the morality and sociability of a “modern” way of life, in this second point, the members of the CCEC printed a discourse that from the intellectuals and their cultural and educational projects to Ponta Grossa and for the country this reality could be transformed. In this way, we problematize the representations of the CCEC and its interlocutors in dialogue with the country’s historical context, linking the regional to the national.

Keywords: Intellectuals; Modernity; Centro Cultural Euclides da Cunha.

Considerações Iniciais

Em 1947, alguns profissionais liberais da cidade de Ponta Grossa/PR fundaram o Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC)¹ e de acordo com o presidente do Centro, Faris Michael², no *Jornal do Paraná* de outubro de 1947: “Acaba de ser fundada na nossa cidade, o Centro Cultural Euclides da Cunha, antigo sonho de vários intelectuais ponta-grossenses, somente agora concretizado”³. A partir do CECC problematizamos neste artigo as as narrativas sobre a modernidade em Ponta Grossa/PR, inserida nas discussões de um campo intelectual em construção, tendo por objetivo analisar as contradições discursivas entre a decadência moral advinda com a modernidade e o seu desenvolvimento urbano.

O CCEC, em sua ata fundacional, delimitava como seus objetivos: incrementar as atividades intelectuais, promover palestras e conferências de cunho científico, editar um jornal trimestral e discutir assuntos relacionados

¹ O centro Cultural localizava-se na Rua XV de Novembro, região central de Ponta Grossa, e era mantido por verbas destinadas pelos Governos Federal, Estadual e Municipal (WANKE, Eno T. Faris Michael, o Tapejara: uma biografia. Rio de Janeiro: Plaque, 1999). Em sua dissertação de mestrado, Carmencita Ditzel (1998) analisou o CECC e explicitou que seus membros eram médicos, advogados, professores etc. O CCEC encerrou suas atividades em 1985, tendo como principal causa, a falta de incentivadores e a renovação de membros que levassem seus projetos a diante.

A primeira Diretoria foi constituída pelos seguintes nomes: Presidente: Dr. Faris A. S. Michael; Vice-presidente: Zenor Ribas; Secretário Geral: José Haynor Rodrigues; 1º Secretário: Tenente Carlos Gomes Vilela; 2º Secretário: Jorge Saad; 1º Tesoureiro: Walter Machado de Oliveira; 2º Tesoureiro: Hamilton Lima Ribas; Bibliotecário: Clóvis Carnacali; 2º Bibliotecário: Olavo Vidal Correia. (ATA DE FUNDAÇÃO DO CENTRO CULTURAL EUCLIDES DA CUNHA *apud* WANKE, 1999).

² Nascido em Mococa- SP veio com seus pais para Ponta Grossa com, aproximadamente, quatro anos de idade. Graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Paraná, porém, nunca advogou. Foi docente do ensino regular no Colégio Regente Feijó e posteriormente, professor na Faculdade de Ponta Grossa. Foi presidente do CCEC e editor do jornal do CCEC, o Tapejara. (WANKE, 1999).

³ *Jornal do Paraná*, 1947, p. 5.

ao Brasil e ao continente americano e homenagear Euclides da Cunha⁴, admirado por Faris e considerado por ele como: “o maior escritor brasileiro de todos os tempos”⁵, a tal ponto dos euclidianos chamarem uns aos outros de “Jagunços do Pitangui”⁶, fazendo referência à mais conhecida obra de Euclides, *Os Sertões*.

O Centro Cultural Euclides da Cunha foi fundado a partir da perspectiva do movimento euclidiano e, em âmbito regional, trabalhava com a vaga modernizadora por meio da organização da cultura em Ponta Grossa, projetos como a construção de um prédio próprio para Biblioteca Pública, a criação de uma Faculdade na cidade, entre outros demarcaram a atuação e trajetória do grupo⁷. Nesse sentido, focaremos especificamente, por meio da documentação deixada pelo CCEC⁸ a forma com que seus membros e os sócios com os quais trocavam correspondências compreendiam a modernidade e a forma com que essa modernidade durante a primeira metade do século XX alterava o ritmo de vida da população.

Pois, a intelectualidade nacional⁹, das capitais às cidades do interior, buscava em suas ações e discussões trabalhar com um imaginário no qual a

⁴O CCEC inseria-se num movimento mais amplo, o Movimento Euclidiano, criado em São José do Rio Pardo e que continua com suas atividades até os dias atuais, comemorando anualmente a vida e a obra de Euclides da Cunha. As homenagens anuais realizadas em homenagem a Euclides (Semana Euclidiana) cresceram, sobremaneira, durante as décadas de 1930/40, sendo organizadas de forma pomposa e contando com participantes vindos de várias partes do país. Não por coincidência, a política nacionalista e normativa de Vargas incentivava ainda mais comemorações desse cunho, no qual, por um lado, admirava-se a figura de Euclides e, por outro lado, dava-se um exemplo de festa cívica e patriótica realizada em São José do Rio Pardo. Esse “ritual de iniciação” segundo Trovatto (2002) ganhava novos adeptos que iam à Rio Pardo e por meio de Casas Culturais Euclidianas que se espalhavam pelo Brasil, como em Natal/RN, Rio de Janeiro/RJ e Ponta Grossa/PR. As casas de Cultura que levavam o nome de Euclides trabalhavam para expandir a imagem do literato e incentiva o estudo de temáticas sobre a cultura brasileira.

⁵TAPEJARA, 1950, p. 1

⁶Pitangui é um dos rios que cortam a cidade de Ponta Grossa.

⁷Os euclidianos do CECC fundaram ou auxiliaram na fundação das seguintes instituições: Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), jornal *Tapejara*, Centro Cultural Brasil – Estados Unidos, Museu Campos Gerais, Observatório de Astronomia, Instituto Histórico-Geográfico de Ponta Grossa, Biblioteca Pública em sede própria, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (WANKE, 1999).

⁸A documentação está disponível para consulta e encontra-se no Centro de Documentação e Pesquisa em História do curso de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

⁹Compreendemos o intelectual como o indivíduo que ora agregado à cultura, ora ao campo do poder, isso quando não simultaneamente às duas esferas, participa ativamente na e da sociedade. Conforme a ótica empregada pelos sujeitos e grupos, o intelectual pode vir a ser um administrador, professor, um líder comunitário, etc. Sobre os intelectuais corrobora para a discussão Vieira: “O que é essencial nesse conceito é que não existe nenhum *a priori* de formação e/ou posição institucional para definir o intelectual. Cabe sempre ao investigador interessado na sua exploração analisar a natureza dos projetos formativos em curso, a ação dos seus protagonistas e, sobretudo, avaliarem contexto as consequências sociais desses projetos”. (VIEIRA, Carlos E. O movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetórias e idéias educativas de

modernidade tornava-se palavra-chave para a construção do ideal de progresso, de tal forma que essa intelectualidade chamava/representava para si a tarefa de guiar o Brasil rumo ao desenvolvimento, como porta vozes da cultura. Observamos nos euclidianos do CCEC essa marca em seus projetos e nas representações que construíram sobre si¹⁰

Os euclidianos do CCEC contrapunham a valorização da aceleração econômica e a intensificação dos espaços urbanos à decadência moral e cultural vindas com essa mesma modernidade, pois, desse modo, ao esboçar o hiato entre os aspectos materiais e morais da população, abria brecha para que se colocassem publicamente como guardiões e agentes que equilibrariam essa relação.

Para tanto, o presente artigo está dividido em três partes: na primeira, problematizamos a noção de modernidade em seu itinerário histórico; na segunda, contextualizamos historicamente Ponta Grossa, *lócus* de onde falavam os euclidianos; e, na terceira, analisamos, por meio das fontes, a compreensão de modernidade dos intelectuais do CCEC e como está noção tornava-se meio e justificativa para a tentativa de inserção do projeto do grupo por entre os círculos acadêmicos e a sociedade.

A modernidade em perspectiva histórica

Um dos temas mais recorrentes ao longo do itinerário histórico trata-se do fenômeno da modernidade e de suas derivações – moderno, modernização – e, principalmente, as correlações com outros termos emblemáticos, tais como progresso, civilização e desenvolvimento. Conforme aponta Berman¹¹:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia (...) descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano (...) Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para

Erasmus Pilotto. Educar em Revista. Curitiba, n.18, 2001, p. 57).

¹⁰ Id. Ibidem.

¹¹ BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Cia das Letras, 1986, p. 16.

expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão. No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se ‘modernização’.

Todavia, dependendo do campo sobre o qual se debruçará o historiador e o contexto específico de um país ou de um grupo, ainda podemos presenciar práticas e ideias que não correspondem ao ideal de modernidade impresso pela “Sociedade de Corte” da Europa Moderna, fato esse, por exemplo, evidenciado na pesquisa de Thompson¹² sobre a venda de esposas, fenômeno típico da cultura comunal inglesa que ainda sobreviverá nas primeiras décadas do século XX.

De acordo com Berman, a sociedade europeia durante o movimento Iluminista começava a estabelecer com a modernidade vínculos mais intensos, mesmo que permeado por altos e baixos, o ritmo impresso por um capitalismo nascente na Inglaterra que começava a se espalhar por outros países e o germe de um liberalismo burguês já gerava efeitos tanto no campo da representação (imaginário) quanto no cotidiano do europeu. Por exemplo, em 1761, Rousseau lançou a novela *La Nueva Heloise*, na qual seus personagens já sentem um novo modo de vida, ao mesmo tempo, fascinante e assustador, segundo uma das personagens¹³:

Eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar.

¹² Thompson desvela ao leitor que a venda de esposas correspondia a um divórcio de cunho popular pertencente ao campo da tradição campesina, no qual para sua concretização, a esposa era vendida em praça pública por seu esposo. Os discursos jornalísticos e do judiciário analisavam essa prática como selvagem, atrasada e pouco afeita aos padrões modernos. Desse modo, são essas contradições apresentadas pelos sujeitos ante ao conceito do que seria moderno que nos interessa, cuja construção está atrelada a uma série de acontecimentos e instituições que surgem depois do século XV. (THOMPSON, Edward. P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998).

¹³ ROUSSEAU *apud* BERMAN, 1986, p. 17.

As figuras de linguagem e a geografia da cidade que serão tão bem utilizadas por Baudelaire no fim do século XIX começavam a permear o imaginário de homens e mulheres séculos atrás: a noite, a embriaguez, a dor e o caos passavam, aos poucos, a serem associadas a essa nova estrutura de vida. De 1789, isto é, da Revolução Francesa em diante, as contradições impressas pela modernidade se acentuam ainda mais, pois, se por um lado a “liberdade, a fraternidade e a igualdade” burguesa destituíram do centro político o regime monárquico centralizador e propalam uma nova era de desenvolvimento, por outro, o sistema econômico e político liberal elevaram, até então, para níveis impensáveis as desigualdades sociais.

Baudelaire em poesias que tratavam sobre o ambiente das ruas, dos mendigos frequentadores das calçadas de dia e das prostitutas nas mesmas calçadas a noite, entre outras temáticas ligadas ao cotidiano urbano de miséria de Paris, considerava o surto moderno como “o transitório, o rápido, o contingente”¹⁴. Segundo Berman, a visão de Baudelaire no fim do XIX, constitui a tônica da modernidade no século XX¹⁵:

Seus sucessores do século XX resvalaram para longe, na direção de rígidas polarizações e totalizações achatadas. A modernidade ou é vista com um entusiasmo cego e acrítico ou é condenada segundo uma atitude de distanciamento e indiferença neo-olímpica; em qualquer caso, é sempre concebida como um monolito fechado, que não pode ser moldado ou transformado pelo homem moderno. Visões abertas da vida moderna foram suplantadas por visões fechadas: Isto e Aquilo substituídos por Isto ou Aquilo.

Nesse sentido, conforme Anthony Giddens¹⁶, o século XX implode em alguns aspectos o otimismo de pensadores do XIX de um futuro melhor, pois as duas grandes guerras mundiais, a exacerbação das desigualdades sociais e as crises econômicas colaboraram para essa implosão. Em consonância com os apontamentos de Giddens, analisando o campo da arte, Gumbrecht considera as primeiras décadas do século XX como um momento marcante de “espírito subversivo” por parte de poetas e pintores – dadaístas, futuristas,

¹⁴ BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: COELHO, Teixeira. (Org.). A modernidade de Baudelaire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 176.

¹⁵ BERMAN, 1986, p. 27.

¹⁶ GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

entre outros – ressaltando o desencaixe entre o tempo histórico e os sujeitos históricos modernos¹⁷:

O que os historiadores culturais têm chegado a rotular como ‘alta modernidade’, o momento dominado pelas ‘vanguardas históricas’ (para nós) da primeira década e dos anos vinte deste século, é o nível mais radical nessa perda do equilíbrio entre significante e significado (...).

Para além das contradições tão complexas de serem apreendidas, cabe-nos analisar como os intelectuais reunidos em um Centro Cultural e em diálogo com outros centros, grupos e sujeitos sentiam e recriavam essa modernidade em Ponta Grossa, no interior do Paraná. Pois, se a modernidade é um fenômeno constante, a forma de senti-la é variável, seja no tempo, seja no espaço.

Destarte, de que modo um grupo de intelectuais ponta-grossenses sentia e representava a modernidade em Ponta Grossa? Uma cidade que até o fim do século XIX possuía uma população de menos de dez mil habitantes¹⁸. Em outros termos, como se deu o processo de compreensão e construção das contradições da modernidade em um determinado espaço-tempo? É isso que buscamos.

Pois, esses homens e mulheres do século XX, por um lado, eram espectadores das guerras mundiais e das antíteses sociais, culturais, políticas e econômicas da modernidade do século XX, por outro lado, essa mesma modernidade saía da Europa e se transformava em sonho de consumo de boa parte dos países americanos; no Brasil, esse sonho não estava restrito às capitais como o Rio de Janeiro, São Paulo ou Curitiba, as pequenas cidades do interior também estavam inseridas nesse processo.

Ponta Grossa: um contexto histórico e os sentidos da modernidade

O euclidiano e cronista da cidade de Ponta Grossa, Daily Luiz Wambier¹⁹, em um dos seus textos para o Jornal da Manhã, ao dissertar sobre a atmosfera

¹⁷ GUMBRECHT, Hans U. Modernização dos sentidos. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 19.

¹⁸ DITZEL, Carmencita. H. M. O arraial e fogo da cultura: os euclidianos ponta-grossenses. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 1998.

¹⁹ Foi jornalista, cronista e político (vereador) na cidade de Ponta Grossa. Atuou de maneira ativa no CCEC, tendo sido o único tesoureiro da instituição em sua história e exerceu o cargo de primeiro secretário da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa (WANKE, 1999).

moderna por qual passava Ponta Grossa, em determinado momento do texto – década de 1950 – utilizou a expressão “Ponta Grossa não é nem aldeia nem metrópole”. Certamente, essa expressão desvela com perspicácia o cotidiano da cidade e as representações elaboradas sobre ela no plano intelectual e do imaginário ao situá-la em transição, entre “a aldeia e a metrópole”.

Se tais representações, como veremos adiante, eram recorrentes na intelectualidade ponta-grossense durante as primeiras décadas do século XX, não podemos desprezar que a constituição dessa imagem fora realizada de maneira processual e como uma das características típicas da intelectualidade nacional durante as primeiras décadas do citado século, visto que os cronistas que visitavam Ponta Grossa (ainda pertencente a São Paulo) durante o XIX²⁰ a representavam de maneira distinta, entendendo-a mais como aldeia e menos como metrópole.

Historicamente, Ponta Grossa se emancipou da cidade de Castro em 1862 tendo como principal atividade econômica a agricultura e o tropeirismo, pois, sua posição geográfica favorecia ao trânsito de animais do Rio Grande do Sul para Sorocaba-SP, trajeto conhecido há séculos como o Caminho de Viamão. Seja pela atividade agropecuária ou agrícola, Ponta Grossa antes e depois da emancipação não possuía em seu cotidiano um ritmo de intensa diversificação econômica e social.

Nas últimas décadas do século XIX três fatores trouxeram novo fôlego para a cidade de Ponta Grossa no plano socioeconômico: a onda imigracional, a produção de erva-mate e a chegada das ferrovias. Os imigrantes que chegaram aos Campos Gerais foram trazidos por incentivo governamental e por empreitadas particulares com o intuito de povoar e trabalhar na agricultura do estado, as levas de imigrantes foram ocasionadas pela difícil situação econômica de algumas nações europeias²¹

O incentivo governamental trouxe uma série de problemas aos imigrantes, pois terras pouco férteis associadas ao distante contato entre imigrantes e a sociedade local fizeram com que muitos deles saíssem do Paraná migrando para outras regiões do país ou da América Platina²². Aqueles que

²⁰ Um desses cronistas do XIX foi o francês August Saint Hilaire que visitou o Brasil entre 1816-1822, tendo considerado em suas cartas a região dos Campos Gerais como atrasada e um “depósito de pulgas e mosquitos” (WANKE, 1999).

²¹ ZULIAN, Rosângela W. Entre o aggiornamento e a solidão: práticas discursivas de D. Antônio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa-PR (1930-1965). Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.

²² MOLAR, Jonathan de O. A representação da imigração polonesa nas imagens da Gazeta Polaca no Brasil.

permaneceram no Paraná, mais os que vieram por iniciativa particular, compuseram a imigração no estado, uma parte fixou residência no campo e a outra na cidade.

Desse modo, ligava-se campo e cidade, principalmente, na produção de erva-mate que era carregada em lombo de burros para as cidades e para os portos, em carroções de imigrantes e de pequenos agricultores brasileiros. Já os imigrantes que não se dedicaram ao mate abriram estabelecimentos comerciais na cidade – armarinhos, casa de tecidos, entre outros.

Alguns desses imigrantes fundaram indústrias e comércios tradicionais na cidade de Ponta Grossa. Henrique Tielen fundou a Cervejaria Adriática (1896), Theodoro Klüppel (1900) uma indústria de beneficiamento de madeira, Jacob Holzmann fundou o jornal *O Progresso* em 1907 (em 1913 passou a se chamar *Diário dos Campos*) e o *Cine Renascença* (1911), o primeiro cinema sonoro do estado, além de outras famílias de imigrantes que também estavam ligadas às práticas comerciais. De acordo com Carmencita Ditzel: “Dessa forma, os imigrantes e seus descendentes contribuíram efetivamente para o aumento numérico e para a inversão da taxa de urbanização em Ponta Grossa. Além disso, foram fundamentais para o processo de dinamização da vida social, cultural e política”²³.

A inauguração de estabelecimentos econômicos e culturais foi acompanhada por outros fatores que ingressavam no cotidiano urbano, tais como os automóveis, a higienização e a luz elétrica. Em Ata da Câmara Municipal de 1905, sobre a inauguração da luz elétrica, exaltavam-se as representações da época sobre esse acontecimento e o que ele significava²⁴:

Declarou o Sen. Presidente que a presente sessão tem por fim registrar nos annaes da Camara a data da inauguração da illuminaçãoelectrica desta cidade. (...)... subiu a tribuna o Sen. Teixeira Coelho, representante do Clube Literario Recreativo, Gremio Musical Lyra dos Campos e Circulo Socialista Leon Tolstoi, que improvisando bellissimo discurso com referencia ao assumpto magno da sessão, disse que além da luz electrica, a luz material, falta tratar-se ainda de uma outra luz mais poderosa e fecunda: - a luz da instrucção (...)

Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2007.

²³ DITZEL, 2004, p. 76.

²⁴ ATA A CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA *apud* ZULIAN, 2009, p. 43.

De acordo com o que estamos argumentando, os imigrantes e a população local, pouco a pouco, intensificavam não somente a esfera econômica, bem como, a cultural e a social; paulatinamente, o interesse pelo desenvolvimento urbano adentrava por entre as ruas e casas em Ponta Grossa. Além disso, na última década do XIX, Ponta Grossa tornou-se geograficamente central para o Paraná a partir da construção de duas ferrovias, Curitiba – Paranaguá (1894) e, posteriormente, São Paulo – Rio Grande (1896), dando à urbe o nome de “cidade encruzilhada”²⁵.

Essa “onda” desenvolvimentista que primeiro pousa nos maiores centros, aos poucos foi se espraiando para as cidades do interior. Segundo José Murilo de Carvalho (1990), a modernização se torna uma ideia obsessiva para formação de uma nação – branca, polida e afinada ao capitalismo e aos bons costumes vindos da Europa. De acordo com Rosângela Zulian²⁶:

As contínuas menções aos hábitos urbanos na vestimenta e ao requinte de alguns na maneira de viver e apreciar uma cultura ‘à européia’, reiteram a idéia de uma cidade normatizada e progressista, sombreando os problemas citadinos e suas mazelas estruturais. Essas representações de modernidade estão relacionadas à construção de uma ideologia do progresso que, nos momentos de consolidação do regime republicano, passou a ser veiculada em caráter nacional. Ordem, progresso, urbanização, modernização, são sentimentos, aspirações e valores presentes nos escritos da intelectualidade da época e que integravam um projeto de nação.

A criação de estabelecimentos comerciais, espaços de diversão e de novos produtos eram fatores que elevavam o termômetro do desenvolvimento da cidade. Nesse sentido, percebemos do início do século XX até sua metade, discursos – político, jornalístico, jurídico – que davam ênfase a esse crescimento.

Entre 1920 e 1945, Ponta Grossa, segundo o censo da época, tornou-se a segunda maior cidade do Estado, com 38.417 mil habitantes, com aproximadamente 75% da população morando na área urbana²⁷. Em 1952, segundo

²⁵ SILVA, Edson Armando. Energia elétrica e desenvolvimento industrial em Ponta Grossa(1904-1973). Universidade Federal do Paraná. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba, 1993, p. 19.

²⁶ ZULIAN, 2009, p. 118.

²⁷ Os dados apontados pelo Censo podem ser questionados, na medida em que é um indicador oficial do Estado, exemplo disso, é a pesquisa de Fabiana Andréa Vaz ‘Formação de professores no Paraná: a Escola Normal de Ponta Grossa (1924-1940)’, cujos dados apontam para um índice de alfabetização bem abaixo do exposto no Censo. Segundo a autora, em 1920, de uma população, de aproximadamente, trinta mil

Ditzel²⁸, a cidade apresentava 6 jornais, 3 cinemas, 13 associações literárias, 60 estabelecimentos de Ensino Primário, 12 de Secundário e 2 de Ensino Superior. O discurso criado sobre Ponta Grossa moderna, civilizada e ordeira enfatizava os aspectos positivos e os acontecimentos que denotavam desenvolvimento urbano e aceleração econômica. Por outro lado, em alguns momentos e, principalmente, pelo discurso jornalístico que dava voz relativa aos moradores, podemos observar reivindicações de uma cidade que, em alguns aspectos, mais parecia a aldeia à metrópole citada por Wambier.

Ruas não asfaltadas que quando chovia acumulavam lama e poeira incomodavam donas de casa e comerciantes, sendo esse um dos tantos problemas que assolavam a crescente cidade. Um dos imigrantes sírio-libaneses que foi para Ponta Grossa, entrevistado por Eno Wanke para compor uma biografia sobre Faris Michael, relatou que quando chegou durante a década de 1920 não acreditou que a urbe tão anunciada se resumia a algumas poucas ruas de terra, com cavalos amarrados em árvores. Segundo o imigrante²⁹:

Quando cheguei aqui, meu irmão foi me receber em Santos. Eu estava louco para vir aqui em Ponta Grossa, pois pensei que se tratava de uma cidade grande (...) Então quando chegamos aqui na estação, quando o trem parou, eu perguntei ao meu irmão: ‘mas cadê Ponta grossa? Mas não é possível! Ponta Grossa, aqui?’ Não tinha nada, três, quatro, cinco casas de madeira! A avenida Vicente Machado tinha árvores no meio e a Balduino Taques também. Os caboclos chegavam de carroças com cavalo e amarravam.

As ruas planejadas, as praças e as calçadas arborizadas estavam restritas às ruas maiores e centrais – aquelas que ficavam afastadas ainda possuíam aspectos daquela Ponta Grossa provinciana. A cidade passava por contradições entre o moderno e o tradicional, o civilizado e o provinciano, que desvelamos a partir dos discursos jornalísticos em solenidades políticas e nos relatos da população. Contribui Pesavento para a discussão³⁰:

(...) Ora, uma metrópole propicia a seus habitantes representações contraditórias do espaço e das socialidades que se tem

peçoas, vinte e três mil eram analfabetos. (VAZ, 2005, p.115).

²⁸ DITZEL, 2004.

²⁹ WANKE, 1999, p. 18.

³⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A Cidade Maldita. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SOUZA, Célia Ferraz de. *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 1997, p. 70.

lugar. Ela é por um lado, luz (...) civilização, sinônimo de progresso. Mas, por outro lado, ela pode ser representada como ameaçadora (...) São, sem dúvida, visões contraditórias, de atração e repúdio (...) que paradoxalmente, podem conviver no mesmo portador (...) a postura de celebração e combate diante do novo, que em parte exerce fascínio e em parte atemoriza.

Podemos observar crônicas nos jornais de Ponta Grossa que explicitavam os aspectos duais citados por Pesavento ao representar o fascínio e o temor proporcionado pela cidade, cujo ritmo de vida estava em processo de mudança. Wambier em uma de suas crônicas relatava³¹:

A cidade continua sendo palco dos malfeitores partidos dos nossos rapazes, que por engano, muita gente costuma chamar de playboy (...) o procedimento desses autênticos projetos de bandidos, geralmente filinhos de papai (...)
Não sabemos até quando Ponta Grossa poderá suportar essa gente, mas o certo é que a fama de nossa cidade está sendo dia-a-dia espezzinhada por esses rapazes indesejáveis (...)

Em outra crônica, Wambier mostrava ao leitor que a inserção da modernidade em Ponta Grossa alterava também a forma dos jovens se relacionarem, fato esse condenado pelo cronista³²:

Estranhável, sob todos os aspectos, o modo como os rapazes e as moças modernas se tratam. Mais parecem parceiros de qualquer coisa do que pessoas sem anteriores ligações de família. É quase tudo na base do oba!. O namora de agora, então, é interessante, em confronto com os de antigamente. Existem algumas, hoje, das quais os rapazes é que precisam de se cuidar. Avançam sem receio algum. Permitem-se liberdades de casais. E se o moço não se contém nem se cuida, adeus tia Chica!. Acontece (...)

As críticas de Wambier em suas crônicas, em grande medida, apontavam para condutas que “fugiam do padrão” das representações de Ponta Grossa que se modernizava de maneira ordeira e civilizada. Não podemos nos esquecer que as transformações que vinham ocorrendo no ambiente urbano causavam impacto por entre seus habitantes, inclusive, para os intelectuais – tal como estamos observando em Wambier – entretanto, a ênfase na degradação cultural e social abria espaço para que se posicionassem como

³¹ JORNAL DA MANHÃ, 1955, p. 7.

³² JORNAL DA MANHÃ, 1957, p. 6

organizadores dessas esferas. Dos maiores centros às cidades do interior o impacto trazido por esse ideal de modernidade interagia com as mentes e os corações dos intelectuais³³.

Em Ponta Grossa os euclidianos do CCEC não deixaram de registrar suas impressões sobre as transformações ocorridas na cidade e entendiam-na como positiva para o desenvolvimento econômico e estrutural da urbe. Por outro lado, enfatizavam a decadência moral inerente a ela no tocante às relações sociais e a pobreza cultural de seus habitantes. O discurso, conforme observaremos mais à frente, de “guardiões da modernidade” não foi posto de maneira abnegada e altruísta, pois por trás dessa defesa havia um conjunto de interesses que iam desde a ascensão intelectual até angariar apoio político e social para suas propostas.

A construção do discurso dos intelectuais em geral se coadunava pela verve da aura moderna e encontrava coerência a partir de representações na mídia, na política e em eventos que os aproximavam, tais projetos delimitavam papéis distintos para os grupos sociais. A modernidade deveria atingir a todos, porém, não da mesma forma ou com os mesmos interesses. A citação de Wambier sobre os comportamentos de moços e moças evidencia tal questão: a crítica do cronista não estava centrada nos rapazes, mas nas moças, que fugiam da posição paternalista/patriarcal historicamente atribuída a elas.

Modernizar-se, em particular, observando os apontamentos do CCEC, não significava romper com uma ordem comportamental e cultural estabelecida historicamente no país. Problematizar termos como patriarcalismo e desigualdade social não estavam em pauta em seus discursos, pelo contrário, há a delimitação de papéis fixos e que estão de acordo com a moral estabelecida historicamente pela colonização no Brasil de fundo católico e de um ufanismo nacionalista típico do movimento euclidiano³⁴.

A imagem que o CCEC busca construir aproximava-se do discurso de um de seus sócios correspondentes, Ciro Silva³⁵, que afirmava: “é com orgulho que aceito tão nobre investidura que, dessa forma, ensinou-me o ingresso em tão notável agremiação intelectual que muito vem contribuindo para o

³³A representação da modernidade, que assolava os intelectuais cariocas de acordo com o explicitado por Carvalho (1990), ou os paulistas, em estudo de Maria Izilda de Matos (2007), revelam uma proximidade bastante interessante com os discursos proferidos pelos ponta-grossenses.

³⁴TROVATTO, Cármen. A Tradição Euclidiana: uma ponte entre a história e a memória. São Paulo: UNIRIO, 2002.

³⁵Natural de Curitiba, foi poeta, tipógrafo e professor.

progresso cultural do Estado e do país”³⁶. Ainda que observamos essa forma de tratamento e de endereçamento de um intelectual ao outro ou a uma instituição mais como forma de tratamento - de uma linguagem comum - e menos como um elogio sincero, o CCEC se utilizava dessa retórica comum aos intelectuais para construir as representações sobre si.

Destacar o CCEC no plano discursivo como homens preparados para organização da cultura correspondia à busca por se sobrepor aos demais grupos - tanto aqueles pertencentes ao campo intelectual quanto os de fora dele - nos quais, alguns ganham e se impõem e outros são desautorizados, permanecendo em posições subalternas ou adversárias. Desse modo, no próximo subtópico, problematizaremos de forma mais detalhada como os euclidianos compreendiam a modernidade e seus projetos para o cotidiano urbano de Ponta Grossa e do país.

A modernidade na perspectiva dos euclidianos do CCEC

Estamos observando que a cidade de Ponta Grossa desde o fim do século XIX estava imersa em meio a uma atmosfera nacional cuja noção de modernidade tornava-se emblemática para o processo de desenvolvimento. Por outro lado, conforme inferiu Berman (1986), os homens do século XX expressavam ideias e posicionamentos plurais, muitas vezes contraditórios, em decorrência dos fatores positivos e negativos advindos com a modernidade e as instituições que a sustentavam. A partir desse cenário, como se comportavam os euclidianos?

A observação do cotidiano da cidade de Ponta Grossa e do Brasil proporcionava aos euclidianos as impressões sobre o significado dessa modernidade na urbe e o impacto que causava sobre seus habitantes, sinteticamente representada por eles pela contradição entre desenvolvimento econômico e fragilidade sociocultural; essas impressões resultavam em textos e discursos apresentados ao público por meio de seus veículos de comunicação. Já dentro das relações do grupo e por meio dos silêncios, do não dito nesses textos, analisamos que não mais a observação em si, mas em decorrência dela, os euclidianos utilizavam o conceito de modernidade como espaço de movimentação para que seus projetos pudessem alcançar os demais círculos intelectuais e o grande público, sendo “auto representados” como guias para equalizar esses pontos positivos e negativos.

³⁶ SILVA, 1949.

Os apontamentos com base na observação do cotidiano, registrados principalmente no *Tapejara*³⁷ e em cartas, traziam aos seus leitores a representação pública de um grupo de intelectuais abnegados e altruístas que trabalhavam em prol da cultura como mecanismo para sanar os vícios sociais e culturais intensificados pela modernidade, sem expor indícios nessas ações que revelassem pretensões pessoais ou de ascensão social. Nesse caso, as críticas e o empenho dos euclidianos recaíam sobre a pobreza cultural e moral dos brasileiros, a necessidade de criar instituições, por exemplo, como a biblioteca para a reorganização intelectual da população.

As representações dos euclidianos sobre o trânsito cada vez mais intenso, o aumento da violência urbana, outras formas de relacionamento que não a instituição do casamento, a fragilidade de princípios como honestidade e retidão eram temáticas problematizadas constantemente em seus textos quando abordavam o aspecto sociocultural do cotidiano em que viveram. Segundo eles, o cotidiano transformou-se negativamente a partir das novas formas de convívio no ambiente urbano que se industrializava, expandia e fomentava ambições diferenciadas entre seus habitantes. Nesse sentido, pontuava Sótero Angelo³⁸ em carta remetida ao CCEC³⁹:

A mocidade hodierna vive preocupada com o futebol, e as candidaturas a vereadores municipais – motivo preponderante dessa fase preagência(sic) dos sentimentos humanos (...) que se acentuam nesse ritmo esborcinado – de decadência espiritual.

Por outro lado, o campo material foi representado de maneira positiva pelos euclidianos: o aumento da população na urbe, a industrialização, o asfaltamento das ruas, a construção de pequenos prédios e as novidades em bens e serviços eram considerados por eles como a marca indelével do progresso da cidade.

O panorama que os euclidianos faziam do cotidiano de Ponta Grossa e de modo geral sobre o Brasil, no qual o paradoxo entre os aspectos socioculturais e os materiais compunham o que entendiam por moderno, não os

³⁷ Em 1950, a partir do CCEC, os “Jaguços do Pitangui” criaram o jornal o “Tapejara”, em Tupi significando “Senhor do Caminho”. A partir de então, os euclidianos encontravam um canal autônomo de comunicação e de exposição de suas ideias. O primeiro número do *Tapejara* foi publicado em 3 de setembro de 1950 e apresentava diversas seções – notícias culturais de Ponta Grossa, artigos sobre o indianismo, o pan-americanismo, homenagens a Euclides da Cunha etc., os autores dessas seções eram intelectuais paranaenses e colaboradores de outras localidades do país e das Américas.

³⁸ Não conseguimos encontrar dados/informações sobre Sótero Angelo.

³⁹ ANGELO, 1951.

impelia a renegar a modernidade. É na crítica que realizavam sobre o campo sociocultural da cidade que demarcavam em seus discursos a postura pública de representarem-se como “guias em potencial” da população no restabelecimento das relações existentes entre o progresso material e a pobreza moral e cultural do povo. De tal forma que o presidente do CCEC, Faris Michaele, no *Tapejara* apontava⁴⁰:

E é quando, ao invés de necessário e profícuo sinergismo funcional – completa interação e consonância de ambas as facetas da natureza humana – o que se nos depara é a mais hipertrófica das aberrações do progresso, anomalia das cidades sem alma, como a copiar o grotesco das personagens de novelas extraordinárias. Desafortunadamente, em que pese à boa vontade de umas poucas mentes esclarecidas e, mesmo, à abnegação de outras, os esforços realmente de ordem cultural, isto é, que visassem a cultura pela cultura, jamais encontraram acolhida condigna, senão que se esboroaram, logo, ao primeiro intento de realização.

Dir-se-ia sermos predestinados ao eterno e irritante negativismo dos povos mal nascidos. Bibliotecas, nunca as houve, decentes; bem assim, centros, jornais ou outros empreendimentos sérios de índole cultural. Aqui crescemos e aqui formamos o espírito dentro do maior autodidatismo e carência de meios de toda ordem.

Pouco a pouco, porém, fomos nos apercebendo da comum inclinação e da necessidade de conjugarmos os esforços no sentido de reagir contra esse perpétuo marasmo.

Daí que, reunidos uns tantos lidadores da imprensa, magistério, profissionais liberais, entre outros, resolvêssemos fundar este Centro (...) O âmbito que a nossa querida instituição vem abrangendo é, por sem dúvida, dos mais amplos, pois o sentido da palavra cultura subentende os mais variados setores do conhecimento humano.

Os projetos e discussões construídas pelo CCEC, seja para Ponta Grossa ou para o país, apresentavam como interlocutores outros intelectuais e a elite dirigente, pois nos parece nítido que as considerações acerca do empobrecimento cultural e a fragilidade no que tange aos princípios morais estavam sendo atribuídos ao restante da população. Já para os próprios intelectuais e para a elite tais adjetivos não se enquadravam, sendo eles os responsáveis

⁴⁰ TAPEJARA, 1954, p. 1.

e aptos para empreenderem a reorganização cultural e comportamental da sociedade.

Mesmo quando observavam as transformações ocorridas no ambiente urbano, problematizava-se a modernidade que atingiu o centro de Ponta Grossa, o crescimento urbano e industrial e, de forma mais genérica, os comportamentos estabelecidos nesse espaço, entretanto, não abordavam questões que envolviam as desigualdades sociais ou problemas estruturais de bairros que não a do espaço central.

A modernidade futura pretendida pelo CCEC é a intelectual, no qual essa elite intelectualizada precisava ser construída em Ponta Grossa e, por isso, o empenho dos euclidianos para a fundação da Faculdade, de museus etc., visando transformar a cultura da cidade em dois sentidos: formando seus líderes – dirigentes políticos e intelectuais – e instruindo a população a como se comportar. Em carta para o CCEC, autor desconhecido, afirmava⁴¹:

Os modernistas que se fizeram iconoclastas de um patrimônio de tradições honrosas, hão de passar, como passam os furacões. Mas, muita coisa ainda ficará de pé, como atestado de uma sublimidade expressa na língua, no gênio, na raça e nos monumentos que soçobrarão à catástrofe.
(...) A cultura será o galardão dos espíritos, na moderada competição dos anseios de cada homem. O nosso caro Brasil e, dentre dele, Ponta Grossa, gozará das benesses da tranquilidade e do progresso para, assim, aquela cidade confirmar o seu predicamento de Rainha do Sertão.

Não há dúvida de que a representação pública construída pelo CCEC denotava sentidos civilizatórios e que a crença do intelectual como ente central moviam as ações dos euclidianos. Dessa forma, a construção da modernidade que “redescobriria o Brasil” por meio da cultura, na visão desses intelectuais, iniciava-se pela construção dos próprios Centros Culturais, entendidos como redutos, catalisadores de ideias e de ações. Os Centros Culturais, como o próprio nome já supõe, reuniram intelectuais que empreenderam discussões teóricas e ações sobre a sociedade, no sentido de movimentar as atividades intelectuais nas cidades.

⁴¹ AUTOR DESCONHECIDO, 1951.

Em carta endereçada à Faris, Serafim França⁴² elabora um longo texto no qual explicita a importância dos Centros Culturais na conjuntura moral da sociedade brasileira⁴³:

Sensibilizou-me profundamente o gesto honroso desse Centro e dele muito me envaideço de pertencer (...)
Somente as obras do espírito poderão nos assegurar uma vida melhor, no mundo de confusão em que vivemos.
Poucos são os homens que olham para o céu. Trava-se em toda parte uma luta de egoísmo inferior, de visão terra a terra, destruindo as virtudes e embargando os caminhos da felicidade.
Invade-nos um materialismo grosseiro, destruidor de nossos princípios de civilização (...)
O pensamento tem mais poder que a espada
É nobre a missão dos batalhadores da luz, contra os inimigos da sombra.
Havemos de afirmar a nossa Pátria com a inspiração colhida nas palpitações de sua grandeza e não com o negativismo intruso que nos rebaixa e destrói.
Cada Centro Cultural é uma torre de sonho e defesa. Não importa que sejam poucas as legiões dessa peleja. A causa é a da verdade sagrada, que tem energia invencível. (...)
Eu sou um obreiro modesto, mas diligente. Farei o que puder.
Envio para a Biblioteca do Centro dois livros meus, sendo que o Barra Velha é premiado pela Academia Brasileira de Letras, no concurso, de Contos e Novelas, de 1938.

França não afirma, mas podemos supor que a peleja anunciada não se dava somente por entre as questões culturais e morais necessárias para a reorganização do Brasil, mas também ao próprio campo de onde falava e estabelecia interlocuções. Membro do CCEC e com um discurso próximo ao de Faris, ambos para verem seus projetos em pauta necessitavam do embate com outros projetos, hierarquizar e estabelecer a ordem de prioridades entre as propostas. A face civilizatória da argumentação de França pode ser encontrada também em Wambier, no *Tapejara*⁴⁴:

⁴²Natural de Curitiba, graduou-se em Direito pela Escola Livre do Rio de Janeiro. Após a graduação, exerceu vários cargos públicos, como promotor público da 1ª Vara de Curitiba e como Curador Geral do Juizado de Menores da capital do Paraná, além de ser o redator dos debates na Assembleia. Como jornalista, colaborou em vários periódicos curitibanos e fundou várias revistas literárias, entre elas, a Revista Olho da Rua (WANKE, 1999).

⁴³FRANÇA, 1951.

⁴⁴TAPEJARA, 1953, p. 1.

Há quem diga que eu carrego no pincel, exageradamente, quando procuro fazer o esboço do atual panorama brasileiro, no que tange à sua sociedade, administração pública, família, religião, ensino, entre outros, como a dizer que encaro a vida e o mundo de hoje com pessimismo ou sob ângulos escuros demais. (...)

Ninguém acredita na sinceridade religiosa de Antônio, que comparece aos cultos da sua crença com o pensamento inteiramente ocupado com os motivos que lhe poderiam propiciar ensejo para lograr o seu sócio, para furtar os outros, para conspurcar o lar do seu ‘melhor e mais querido amigo’ (...)

O pior é que ninguém vê perspectivas de dias melhores. Não se vislumbra coisa alguma, nem futuro próximo ou distante mesmo, ele que a situação venha a sofrer as alterações que se impõe, antes que tudo acabe sendo engolido pelo abismo de todas as decadências (...).

Para Wambier a população “se via perdida”, em outros termos, o modo de vida que se apresentava como novidade aos cidadãos - sejam os dos grandes centros, sejam os das cidades do interior - apontava para o fascínio perante a modernidade, mas também o descrédito sobre algumas de suas práticas cotidianas. Quando Wambier evoca a ideia de um cotidiano desnordeado, automaticamente, aponta a ideia de que é preciso encontrar-se, e novamente enfatizamos a noção de causa e efeito estabelecida pelos discursos do CCEC, no qual a confusão social e cultural se transformaria em ordem a partir dos projetos euclidianos.

Esse projeto conservador do CCEC buscava inserção a partir da visão dos euclidianos sobre quais aspectos ou quais grupos precisavam ser reorganizados, da educação das crianças à correção dos adultos. Permanentemente buscava-se tutelar a sociedade, pois, conforme aponta Ortiz (1994), da década de 1930 à de 1960 o país passou por uma série de transformações, em muito incentivado pela popularização do rádio e depois da televisão, pela influência do cinema norte-americano, entre outras questões, possibilitando ao público brasileiro o questionamento sobre comportamentos enraizados desde séculos passados, como o patriarcalismo e a religião como organizadora de condutas sociais.

Pela tela da televisão ou pelos filmes norte-americanos, por exemplo, brasileiros e brasileiras assistiam histórias em que mulheres tentavam se emancipar do domínio masculino e a problematização de temas como a liberação sexual. Percebemos, dessa forma, como a produção cada vez mais

intensa de novas posturas comportamentais e sociais invadiam o cotidiano do país, compreendidas pelos euclidianos como fatores de decadência e de imoralidade, tornando-se assim a justificativa para a inserção dos projetos do CCEC, os quais caminhariam da desordem à ordem.

Pois, conforme exemplificou Wambier em sua crônica, se Antônio vai à igreja, mas cotidianamente não segue os princípios cristãos, cabe ao intelectual mostrar o caminho correto, da mesma forma agindo quanto aos relacionamentos amorosos ou com a mulher que, timidamente começava a lutar para se desprender do paternalismo, mas que incomodava sobremaneira Wambier quando relatava os relacionamentos amorosos em suas crônicas.

Nessa direção, Antoine Compagnon, em sua obra “Os antimodernos”, suscita apontamentos acerca de alguns intelectuais franceses do XIX e do XX (Jacques Maritain, Julien Benda, Roland Barthes, entre outros), no qual ele os denomina de “antimodernos” no sentido de compreender o sentimento de pessimismo e de decadência moral que esses intelectuais identificavam na sociedade francesa, marcando como recorte para a explosão dessas sensações a derrocada da Monarquia após a Revolução Francesa de 1789; além disso, cita também como características desses intelectuais, tendências anti-iluministas, ideia de pecado original, noção de vituperação, entre outros. De acordo com Compagnon⁴⁵:

Maritain intitulou Antimoderne uma obra publicada no mesmo ano de 1922: “o que eu chamo aqui de antimoderno”, anunciava no prefácio, “também poderia muito bem ter sido chamado de ultramoderno” (...) Tal disposição, em si, não parece moderna e provavelmente corresponde a um universal. Tendo existido sempre em toda parte, pode ser associada à conhecida dupla da tradição e da inovação, da permanência e da mudança, da ação e da reação (...) Entretanto, uma diferença capital separa do eterno preconceito contra a mudança a moderna sensibilidade antimoderna. Esta, historicamente situada, tem uma data de nascimento que não deixa dúvidas: é a Revolução Francesa como ruptura decisiva e reviravolta fatal. Havia tradicionalistas desde antes de 1789, sempre houve, mas não antimodernos no sentido interessante, moderno, do termo.

O que Compagnon denomina de “antimoderno” caminha por sentido próximo aos apontamentos de Berman (1986) quando enfatiza as contradições e o sentimento de fascínio e de espanto de homens e mulheres que viveram e

⁴⁵ COMPAGNON, Antoine. Os antimodernos. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 13.

vivem o advento da modernidade. Compagnon afirma que ser “antimoderno” era o que os constituía como modernos, isto é, o pessimismo e o sentimento de decadência os colocavam dentro das discussões e dos sintomas suscitados pelas transformações alocadas pela modernidade.

Não queremos aqui inserir os euclidianos nessa terminologia de “antimodernos”, até mesmo porque, os contextos históricos são distintos e eles não apresentavam características anti-iluministas ou defesa do sistema monárquico no Brasil. Trazer as discussões de Compagnon contribui para situar os euclidianos em meio a esses conflitos de ordem espiritual e material, refletindo sobre a modernidade como itinerário de conflito, ou seja, não linear e que não estava ocorrendo somente em Ponta Grossa.

Retomando a discussão empreendida pelos intelectuais do CCEC, quando alguns euclidianos abordavam a cidade de Ponta Grossa em si, amenizavam o discurso emblemático que contrapunha o material ao espiritual, realçando mais os aspectos positivos aos negativos. Rolando Guzzoni⁴⁶ no *Tapejara* expressava⁴⁷:

A nossa cidade tem feição moderna, algumas avenidas arborizadas e poucos prédios antigos, que, aos poucos, vão desaparecendo.

Acredito que a nossa cidade tenha alguns defeitos. Todas elas tem. Mas não seremos nós quem os apontaremos. Temos muito amor por ela, para falar-lhe mal. Assim como existem muitos que aqui nasceram, se criaram e procuram, a todo custo, ir-se embora, atraídos como mariposas pelas luzes enganadoras das cidades grandes (...).

Desse modo, o euclidiano desvelava a cidade que crescia, os prédios que surgiam e a beleza arquitetônica de ruas e praças, aspectos esses considerados positivos pelos euclidianos sobre a noção de modernidade que adotaram, segundo Guzzoni: “a nossa cidade tem feição moderna, algumas avenidas arborizadas e poucos prédios antigos, que, aos poucos, vão desaparecendo”. Por outro lado, observamos o ocultamento de fatores negativos do cotidiano da cidade, expressado no trecho: “mas não seremos nós que os apontaremos [os defeitos]”. Nesse sentido Guzzoni nos revela a vertente regionalista do CCEC de apego e de defesa da cidade onde esses intelectuais residiam ou nasceram,

⁴⁶ Natural de Ponta Grossa, foi articulista, redator do *Tapejara* do número seis ao último (WANKE,1999).

⁴⁷ TAPEJARA, 1950, p. 9.

tanto que no fim do excerto acima critica aqueles que foram criados em Ponta Grossa e se mudaram para cidades maiores.

Wambier, de maneira próxima, em um discurso na Câmara de Vereadores para festejar o aniversário da cidade e sendo escolhido como porta voz dos euclidianos, chegava a afirmar que em Ponta Grossa a fragilidade espiritual/moral era menor, contrapondo-se a questões levantadas por ele mesmo como degradantes em suas crônicas diárias no jornal. Sem dúvida, por ser um discurso oficial e político não caberia ali elencar aspectos negativos da cidade, ufanista nas palavras tentava demonstrar a sólida formação dos ponta-grossenses e o gosto que crescentemente tomava a população pelas questões culturais.

Para Wambier⁴⁸:

Em Ponta Grossa as datas se perdem no fragor das lutas que vem sustentando pelo bem comum; as datas desaparecem ante o trabalho inteligente de sua população; as datas se apagam em face do ímpeto criador do seu povo; as datas silenciam à vista do trepidar das máquinas do progresso nas ruas, nas oficinas e nos escritórios, no soberbo afã de realizar a prosperidade comum. (...)

A sua prosperidade não cresceu no clássico “do dia para a noite” das cidades do norte do Estado. (...) a contribuição pontagrossense, assim, tem sido das mais úteis à prosperidade estadual. Aludo ao aspecto moral e espiritual que ela soube imprimir aos seus atos e atitudes, não obstante possuir uma população cosmopolita, quando os problemas dessa ordem se apresentam de solução mais difícil.

Efetivamente, não é de agora que Ponta Grossa vem se insurgindo contra a marginalidade e a indecência, nas suas múltiplas maneiras de se manifestar (...) sua posição, em face do bem, é notória. Seus princípios cristãos firmes, como a estrutura dos granitos que enfeitam os verdes ondulados dos Campos Gerais do Paraná.

Vivemos dias de intranquilidade e angústias. A confusão e o desassossego se avolumam por toda a parte, e o mundo se desarvora e se desorienta, como se estivesse varando as escuridões sombrias de oceanos desconhecidos (...) os povos atraitam, separam, confundem e separam, sobrenadando os baixios lodosos desse imenso mar de exaltações e violências (...).

⁴⁸ TAPEJARA, 1952, p. 1.

Wambier ao abordar Ponta Grossa acaba por representá-la como moderna, tratando de seu crescimento e do ambiente cosmopolita e, ao mesmo tempo, de vanguarda, quando citava a convicção moral e espiritual de seus habitantes. Desse modo, Ponta Grossa, diferentemente das cidades do Norte do Estado que “cresceram do dia para a noite”, sabia dosar em seu cotidiano moderno crescimento material e tradição moral. Os playboys que vandalizavam o ambiente urbano ou as moças que se comportavam de maneira inadequada não são evidenciados na fala de Wambier, até mesmo porque, em Ponta Grossa os euclidianos buscavam encontrar por meio de suas ações caminhos adequados – museus, escolas, universidades etc. - para corrigir comportamentos imorais ou que visavam atrapalhar o progresso da cidade.

As práticas cotidianas na cidade em que se encontrava o CCEC serviam, ao mesmo tempo, para divulgar o nome de Ponta Grossa pelo Brasil e pelo mundo e também para vislumbrar perante os demais círculos intelectuais e regiões que se o projeto euclidiano estava sendo levado com sucesso na urbe do interior poderia se expandir com esse mesmo sucesso Brasil afora.

Considerações Finais

A transformação da cidade, conforme afirmava Faris em seus escritos: “em uma meca cultural”, eram ações que poderiam ser implementadas em outras regiões do Brasil e do continente. O fortalecimento da imagem de Ponta Grossa significava o fortalecimento do projeto do CCEC. Consideramos interessante essa relação conturbada entre espiritual e material no sentido de enfatizar exatamente esse ir e vir nas representações que os euclidianos fazem sobre o moderno e como estratégia para se colocarem em evidência, portanto, o projeto do CCEC ordeiro e civilizatório não se fazia menos moderno.

Em consonância com o que estamos argumentando havia a relação entre o regional e o nacional no discurso dos euclidianos, os quais se aproximavam quando o assunto se inclinava para a questão positiva da modernização, suas instituições, seus bens e objetos. Ainda que, em alguns deles, percebemos a diferenciação entre o nacional e o regional quando o aspecto a ser tratado concentrava-se no polo moral/comportamental, poupando, assim, a cidade de Ponta Grossa do discurso de fragilidade cultural/moral e valorizando a atuação do Centro Cultural na construção dessa relação.

Escapamos também de uma escrita historiográfica que apreende a modernidade em Ponta Grossa de forma linear e sem contratempos, como se todos os discursos que problematisassem a modernidade tivessem que estar

atrelados à quebra de paradigmas e ao inovador. As contradições encontradas nos discursos dos euclidianos nos revelam exatamente o projeto que viriam a apresentar cotidianamente para Ponta Grossa e para o país, trabalhar com a modernidade como fascínio e temor expandia a imagem do intelectual como ente central na sociedade.

Assim como os antimodernos de Compagnon se utilizavam do pessimismo e da visão de decadência como armas para criticarem o liberalismo francês, os euclidianos também se serviam, a partir de outro contexto, dos aspectos negativos e positivos da modernidade para evidenciar a importância de instituições e de valores considerados apropriados para o país, em detrimento de outros possíveis projetos.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: COELHO, Teixeira. (Org.). A modernidade de Baudelaire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMPAGNON, Antoine. Os antimodernos. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DITZEL, Carmencita. H. M. O arraial e fogo da cultura: os euclidianos pontagrossenses. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 1998.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GUMBRECHT, Hans U. Modernização dos sentidos. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

HABERMAS, Jürgen. O discurso filosófico da modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MATOS, Maria I. S. de. A cidade, a noite e o cronista. Bauru: EDUSC, 2007.

MOLAR, Jonathan de O. A representação da imigração polonesa nas imagens da Gazeta Polaca no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2007.

ORTIZ, Renato. A Moderna Tradição Brasileira: cultura brasileira e indústria cultural. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A Cidade Maldita. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SOUZA, Célia Ferraz de. Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Rio Grande do Sul: UFRGS, 1997.

SILVA, Edson Armando. Energia elétrica e desenvolvimento industrial em Ponta Grossa(1904-1973).Universidade Federal do Paraná. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba, 1993.

THOMPSON, Edward. P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TROVATTO, Cármen. A Tradição Euclidiana: uma ponte entre a história e a memória. São Paulo: UNIRIO, 2002.

VAZ, Fabiana A. B. Formação de professores no Paraná: a Escola Normal primária de Ponta Grossa (1924-1940). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005.

VIEIRA, Carlos E. O movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetórias e idéias educativas de Erasmo Pilotto. Educar em Revista. Curitiba, n.18, 2001.

ZULIAN, Rosângela W. Entre o aggiornamento e a solidão:práticas discursivas de D. Antônio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa-PR (1930-1965). Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.

WANKE, Eno T. Faris Michaelae, o Tapejara: uma biografia. Rio de Janeiro: Plaquette, 1999.

Artigo recebido para publicação em 09/08/2023.

Aprovado em 04/04/2024.